

CARTOGRAFIAS DA CÂMARA: UMA IMAGEM LITERÁRIA COMO OPERADOR METODOLÓGICO ENTRE POE, LEROUX E NIN

LÓREN CRISTINE FERREIRA CUADROS¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – cuadroslorenchristine@gmail.com

²Universidade Federal da Paraíba – hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Inserida no campo da Literatura Comparada, a presente pesquisa introduz uma abordagem metodológica centrada na análise de imagens literárias recorrentes em textos produzidos em diferentes contextos históricos e culturais. A investigação parte da hipótese de que tal modo de leitura constitui uma prática crítica alinhada à proposta de “Ciência da Literatura” (*Literaturwissenschaft*) postulada por Walter Benjamin (2016) ao privilegiar o entrelaçamento das imagens e evidenciar seus processos de ressignificação.

Inspirado pelos trabalhos essencialmente fragmentários desenvolvidos por Aby Warburg em seu “Atlas Mnemosyne” (2010) e por Benjamin em “Passagens” (2009), este estudo configura-se como uma “proposta intermediária” que conjuga crítica literária, arqueologia imagética e montagem. Assim, em contraponto à crítica pautada em enquadramentos teóricos ou juízos de valor, o percurso analítico descrito aqui concentra-se na materialidade textual e na pervivência (*Nachleben*) das formas, propiciando uma multiplicidade de articulações entre expressões literárias variadas.

Importa ressaltar que este resumo descreve um exercício analítico fundamentado na proposta metodológica desenvolvida na tese de doutorado¹ de sua autora. Neste recorte, optou-se por investigar a recorrência e a ressignificação da imagem arquitetônica da câmara sequenciada e/ou espelhada em três obras literárias: o romance “O Fantasma da Ópera”, de Gaston Leroux; e os contos “A máscara da morte rubra”, de Edgar Allan Poe, e “A mulher de véu”, de Anaïs Nin.

2. METODOLOGIA

Conforme mencionado na seção anterior, a proposta analítica ora apresentada consiste em um exercício de aplicação do método comparativo desenvolvido pela autora deste resumo em sua tese de doutorado, voltado para a leitura de imagens literárias – particularmente de cunho espacial – através de uma ótica fragmentária e anacrônica. Neste estudo, o foco recai sobre a estrutura da câmara tal como surge nos textos de Poe, Leroux e Nin. Para além de seu ressurgimento nessas obras, a escolha do fragmento imagético articulador se justifica por sua potência figurativa, que sugere reconfigurações sintomáticas no contexto narrativo.

¹A tese de doutorado referida intitula-se “Por uma ciência benjaminiana da literatura: arqueologia da imagem do castelo em Teresa de Ávila, Herman Melville e Franz Kafka” e foi defendida em 09 de agosto de 2024 no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/14647>.

As abordagens metodológicas empregadas por Warburg no “Atlas Mnemosyne” (2010) e por Benjamin em “Passagens” (2009) inspiraram a construção do método comparativo ao promover a concepção de uma leitura não linear baseada na justaposição simbólica e na montagem enquanto forma organizada de análise. Outras noções relevantes para o estudo ora descrito incluem o conceito de imagem literária enquanto gesto escultórico e reorganizador da linguagem proposto por Nascimento e Russo (2019), o sintoma segundo Georges Didi-Huberman (2010; 2013) e a percepção benjaminiana de fragmento conforme abordada por Joaquim Iarley Brito Roque (2013).

As reflexões de Susan Sontag (1987) no ensaio seminal “Contra a interpretação”, especialmente no que concerne sua crítica à sobreposição excessiva de significados, também ocupam papel de destaque na fundamentação metodológica deste estudo. Em consonância com tal perspectiva, o exercício analítico aqui referido sobreleva o trabalho com a materialidade textual e os efeitos sensoriais das imagens literárias.

Por fim, os procedimentos adotados abrangearam a identificação da recorrência da imagem da câmara, a seleção e delimitação do corpus textual associado a esse eixo comparativo, e a construção de articulações entre as obras. A abordagem metodológica apresentada se afasta de leituras cronológicas ou hierárquicas, favorecendo as aproximações imagéticas em consonância com a lógica constelar que orienta o método.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa sugere que a câmara, nos três textos abordados, funciona como limiar entre o visível e o oculto, o desejo e o interdito. Em “A máscara da morte rubra”, as câmaras sequenciadas do castelo do Príncipe Prospero — especialmente a última, decorada em preto e escarlate — apontam para a inevitabilidade da morte e a faléncia da tentativa humana de contê-la por meio do isolamento e da autoindulgência. A progressão cromática das salas funciona como metáfora da passagem do tempo e da aproximação do fim, revelando uma arquitetura alegórica do destino.

Em “O Fantasma da Ópera”, a estrutura espelhada da câmara de tortura do ardiloso Erik intensifica a sensação de vigilância, duplicação e delírio. O espelho, aqui, não apenas reflete, mas distorce, aprisiona e amplifica o sofrimento da vítima, constituindo um verdadeiro teatro da angústia. O brilho ofuscante e a ausência de saída identificáveis reforçam a atmosfera de claustrofobia e desorientação. A tortura não é apenas física, mas perceptiva: o olhar se torna armadilha.

Em “A mulher de véu”, a câmara espelhada assume contornos eróticos, funcionando como espaço de revelação íntima e de transgressão dos limites sociais. A variação das tonalidades das câmaras sequenciadas evoca mistério e frustração. O espelho, longe de ser instrumento de tortura explícita, torna-se superfície de autoexploração e multiplicação tanto do desejo quanto do sofrimento. A experiência de George, marcado pela obsessão e pela impossibilidade de capturar por inteiro o mistério da mulher velada, aponta para uma tortura simbólica.

Nos três textos, o espaço em questão é ambiente ameaçador — em razão da presença da morte (Poe), da manipulação perceptiva (Leroux), ou da frustração erótica (Nin). Essa recorrência sugere um sintoma narrativo: a crise do olhar como forma de controle. A câmara, que deveria permitir ver, acaba revelando o que escapa, fere e desestabiliza.

Dessa leitura comparativa, emergem algumas considerações principais:

1. A câmara é sempre um espaço de liminaridade, onde o real e o simbólico se entrecruzam.
2. O espaço funciona como dispositivo narrativo para apresentar o que está reprimido ou interditado.
3. A presença de espelhos — em Leroux e Nin — intensifica a duplicação do eu, a vigilância e o desejo, revelando diferentes regimes de visibilidade.
4. Há uma transição, ao longo dos textos, da câmara como espaço de morte e tortura para espaço de erotismo, mas também de frustração e trauma.
5. A imagem em questão permite explorar tensões entre o público e o privado, o corpo e o espírito, o olhar e o reflexo — surgindo como lugar de revelação e de risco.
6. A câmara opera como figura de montagem narrativa, permitindo a justaposição de tempos, afetos e atmosferas que escapam à linearidade.
7. A variação da imagem entre os textos configura modos de subjetivação distintos: da mente em colapso (Poe), ao desejo encenado (Leroux), à intimidade emancipada e ferida (Nin).
8. O reaparecimento é indício sintomático, posto que evidencia o mal-estar do olhar, a falência da visão como forma de domínio, e a emergência do desejo como força que desestabiliza o sujeito.

4. CONCLUSÕES

Esta análise propôs uma abordagem crítica inovadora ao entrelaçar textos literários diversos por meio do reaparecimento figurativo de uma imagem. Mais que motivo narrativo, ela funciona como operador analítico que condensa tensões estéticas, afetivas e epistemológicas. A escolha da imagem como eixo transversal permite articular obras sem recorrer à cronologia, gênero ou tradição temática. Em vez de sínteses ou classificações, a montagem crítica evidencia ressonâncias simbólicas e sintomas culturais que escapam às categorias convencionais da crítica literária.

A câmara atua como espaço de desejo e trauma, revelação e ocultamento. Em Poe, é palco do horror psicológico; em Leroux, cenário do melodrama gótico; em Nin, ambiente da erotização do olhar. Os textos são entrecruzados em uma rede de sentidos que mobiliza o leitor. Para além de aproximar-se dos painéis de Warburg, a metodologia aplicada dialoga com a proposta benjaminiana de uma “Ciência da Literatura”: uma crítica que pensa por constelação, resultado do deslocamento do foco para a imagem como centro de leitura. Ao final, não se oferece uma síntese, mas uma abertura — a câmara permanece como figura crítica

disponível a novas leituras e montagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **História da literatura e ciência da literatura**. Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CUADROS, L. C. F. **Por uma ciência benjaminiana da literatura**: arqueologia da imagem do castelo em Teresa de Ávila, Herman Melville e Franz Kafka. 2024. 271f.

Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas. Online. Disponível em: <https://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/14647>.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEROUX, G. **O Fantasma da Ópera**. Tradução de Ana Paula Doherty. Cotia: Pandorga, 2022.

NASCIMENTO, R. D. S.; RUSSO, C. Notas para um conceito de imagem literária. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 249–265, 2019.

NIN, A. A mulher de véu. In: _____. **Delta de Vênus**: histórias eróticas. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2022. p. 98-106

POE, E. A. **The Masque of the Red Death**. Project Gutenberg, 2010. Online. Acessado em: 15 ago. 2025. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/1064/1064-h/1064-h.htm>.

ROQUE, J. I. B. **Continuidade e descontinuidade: a lógica do fragmento na filosofia de Walter Benjamin**. 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Cultura e Arte, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SONTAG, S. Contra a interpretação. In: _____. **Contra a interpretação**. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 11–23.

WARBURG, A. **Atlas Mnemosyne**. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Edição de Martín Warnke com colaboração de Claudia Brink. Madri: Ediciones Akal, 2010.